



Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo - MEPES

Centro de Formação e Reflexão - CFR

CNPJ: 27.097.229/0013-86

E-mail: cfr@mepes.org.br

Endereço: Fazenda Boa Vista, S/N, Bairro Scherrer, CEP: 29285-000, Piúma/ES – Brasil



RAQUEL VALANI

**FOMENTANDO UMA CULTURA ANTIRRACISTA DE RESPEITO E
INCLUSÃO: ESTRATÉGIAS PARA PREVENIR E COMBATER FALAS
RACISTAS NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE CASTELO**

CASTELO
2024



Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo - MEPES

Centro de Formação e Reflexão - CFR

CNPJ: 27.097.229/0013-86

E-mail: cfr@mepes.org.br

Endereço: Fazenda Boa Vista, S/N, Bairro Scherrer, CEP: 29285-000, Piúma/ES – Brasil



RAQUEL VALANI

**FOMENTANDO UMA CULTURA ANTIRRACISTA DE RESPEITO E
INCLUSÃO: ESTRATÉGIAS PARA PREVENIR E COMBATER FALAS
RACISTAS NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE CASTELO**

Projeto de Pesquisa e Experimentação Pedagógica
(PPEP) apresentado ao Curso de Formação Inicial da
Instituição Movimento de Educação Promocional do
Espírito Santo.

Orientador: Felipe Junior Mauricio Pomucheng

CASTELO
2024



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 OBJETIVOS	8
2.1 OBJETIVO GERAL	10
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3 JUSTIFICATIVA	11
4 METODOLOGIA.....	15
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
7 REFERÊNCIAS.....	33
8 ANEXOS	35
9 APÊNDICES.....	41

1 INTRODUÇÃO

A implementação da Lei nº 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições de educacionais coloca em pauta a importância de pensar e desenvolver uma educação que esteja voltada para as relações étnico-raciais (Jesus; Gomes, 2013). Nesse sentido, pensar o papel do professor diante tais discussões é imprescindível, levando em consideração que as práticas racistas permeiam o contexto escolar, portanto, as práticas pedagógicas e discussões na perspectiva antirracista contribuem para a construção de uma educação que valorize a diversidade, combate ao racismo e os preconceitos raciais (Cavalleiro, 2012).

Sendo assim, este trabalho tem por objetivo promover a conscientização, valorização e respeito à diversidade étnico-racial, por meio de um conjunto de atividades integradas nas disciplinas de Arte e Língua Portuguesa no Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio da Escola Família Agrícola de Castelo (ES). Como pressupostos teóricos, dialogamos sobre o conceito de racismo, que consiste na noção de raças hierarquizadas, estabelecendo superioridade a partir dos caracteres fenotípicos, como: cor da pele, tipo de cabelo, formato do nariz e boca, entre outros (Munanga, 2003).

Tais práticas se manifestam no contexto escolar a partir dos livros didáticos, nas relações entre os alunos e aluno/professores, no silenciamento a respeito das contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros na história do Brasil (Gomes, 2005). Diante desse cenário, discorreremos a partir perspectiva de Pinheiro (2023) a importância de uma educação antirracista, em que tem como eixo central romper com a visão eurocentrada presente nos currículos escolares, através de práticas que promovam a valorização da ancestralidade africana e busquem desconstruir as concepções errôneas a respeito da população negra.

A partir das intervenções realizadas pela professora, foi possível elaborar cartazes, poemas, Noite Cultural e organizar uma Visita de Estudo com os estudantes. Como produto dessas práticas, os estudantes desenvolvem um caderno de poemas compilando os poemas produzidos além das diversas atividades realizadas no período letivo de 2023 – 2024.

Observe-se que, ao longo desse processo de ações para o combate ao racismo, a maioria dos estudantes demonstrou desconhecimento sobre a história da

cultura africana além do período da escravidão. A criação de cartazes e poemas permitiu aos alunos expressarem suas reflexões e sentimentos em relação ao tema, fomentando um ambiente de discussão e aprendizado coletivo.

A Visita de Estudo proporcionou uma experiência prática e vivencial, contribuindo para uma compreensão mais profunda e pessoal da temática abordada. O caderno de poemas resultante não serviu apenas como uma forma de registro e divulgação das produções dos alunos, mas também como um recurso didático para futuras turmas, ampliando o impacto da atividade.

A análise das produções dos alunos revelou a importância de ampliar o conteúdo curricular para incluir uma perspectiva mais completa e diversificada da história e cultura africana e afro-brasileira, indo além da narrativa centrada na escravidão. Essa experiência destacou a necessidade de uma educação contínua e aprofundada sobre a diversidade étnico-racial, evidenciando a importância de práticas pedagógicas que promovam o reconhecimento e a valorização da contribuição dos povos africanos e afro-brasileiros na formação da sociedade brasileira. As disciplinas pedagógicas realizadas mostraram-se tentativas em despertar a curiosidade e o interesse dos estudantes, mas também revelaram a necessidade de um esforço contínuo para desmistificar preconceitos e construir uma consciência crítica sobre as questões étnico-raciais.

O Projeto de Pesquisa e Experimentação - PPEP foi elaborado e desenvolvido com os estudantes e toda a equipe e monitores, dentre eles a monitora Raquel Valani egressa da Escola Família Agrícola de Castelo. Raquel tem 29 anos morou a maior parte da sua vida no campo juntamente com seu pai e a sua mãe, ambos agricultores. Sempre estudou em escolas públicas do/no campo. Egressa da Escola Família Agrícola de Castelo, se formei em 2014. No ano de 2015 ingressou no curso de Licenciatura em Educação do Campo, finalizando-o em 2018.

No ano de 2017 iniciou o curso de Letras Português no Instituto Federal do Espírito Santo, nesse período precisou ser desligada do curso e, no ano de 2021 conclui o curso com êxito. Nesse período, dedicou sua vida aos estudos realizando diversos especializações e cursos na área da educação.

No ano de 2019 foi convidada para trabalhar na Escola Família Agrícola de Castelo como secretária. Em 2021 atuou como monitora substituta durante cinco

meses. Retomou a secretaria e assumiu a monitoria noturna por cinco meses. No ano seguinte, 2021, foi promovida a monitora regente das disciplinas de Língua Portuguesa, Inglês e Arte.

Desde então vem desenvolvendo o trabalho como monitora, sempre buscado metodologias que sejam condizentes com a Pedagogia da Alternância que estimule e desenvolva o pensamento crítico do(a) estudante. Nesse período de 2021 - 2022 conclui uma pós-graduação em Práticas Pedagógicas e iniciei o curso de Licenciatura em Pedagogia pela UFES. No ano de 2023 iniciou a segunda licenciatura em Letras Inglês pela Universidade de Venda Nova – FAVENI. E também em 2023/2 iniciou o mestrado no Programa de Pós-graduação em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEEDUC) e uma Pós-graduação em Psicopedagogia clínica e institucional.

Suas motivações pessoais e profissionais sempre foram positivas, pois busca se aprimorar todos os dias. Desde que começou a sua carreira na área acadêmica nunca parou. Sempre buscou aprender metodologias e recursos que a dessem apoio para aprimorar a sua didática, pois ela é essencial para o bom desenvolvimento e transformação dos sujeitos. Essa sou eu.

Pensando em todas essas questões é que hoje “me movo como educador(a), porque, primeiro, me movo como gente” (FREIRE, 1996, p.37). Assim, daremos início a uma intervenção voltada especialmente aos estudantes da Escola Família Agrícola de Castelo fomentando uma cultura antirracista de respeito e inclusão: estratégias para prevenir e combater falas racistas no ambiente escolar e também fora dele.

Em relação as minhas condições de trabalho, elas são melhores que de muitos professores do meu país, contudo, sabemos que ela poderia ser melhor, pois passamos por dificuldades, principalmente, na infraestrutura e bem-estar para o desenvolvimento do trabalho seja por falta de recursos, climatização, etc.

A Escola Família Agrícola de Castelo surgiu em 2006 a partir da necessidade de se ter um ensino médio voltado para os povos do campo. Até a presente data a escola já formou um total de 14 turmas e esses profissionais estão atuando em distintos espaços. A escola está inserida no município de Castelo e atende diversos municípios como, por exemplo: Castelo, Cachoeiro de Itapemirim, Venda Nova do

Imigrante, Conceição do Castelo, Brejetuba, Afonso Cláudio, Mutum – MG, São Francisco de Itabapoana – RJ, entre outros.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

As Escolas Famílias Agrícolas, que integram a rede do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), adotam a Pedagogia da Alternância (PA) como princípio educativo central. Essa abordagem caracteriza suas atividades pedagógicas, propondo um modelo de aprendizagem que integra reflexão e ação. O objetivo é desenvolver habilidades, atitudes e consciência, preparando os jovens para transformar o ambiente em que vivem.

A Escola Família Agrícola visa proporcionar a formação integral dos jovens rurais, promovendo o desenvolvimento local sustentável e facilitando a transição entre a escola e o mercado de trabalho. Para isso, capacita os alunos com conhecimentos abrangentes e habilidades necessárias para o exercício de atividades produtivas.

Anualmente, a escola organiza dois grandes eventos que estreitam a relação entre a família e a instituição: a Feira Agropecuária e a Festa Junina, além de promover reuniões regulares com pais e responsáveis, viagens de estudo e visitas educativas.

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola é um documento necessário, pois reflete a identidade e o direcionamento educacional da instituição. Ele serve como uma ferramenta orientadora para planejar e organizar as práticas pedagógicas, administrativas e culturais, alinhando-se aos princípios e valores da escola, sua visão de futuro, missão e objetivos. O PPP estabelece os valores, crenças e princípios que guiam todas as ações, criando um senso de pertencimento e clareza nas diretrizes.

Esse documento orienta professores e demais profissionais da educação na condução do ensino e da aprendizagem, definindo metodologias, estratégias e recursos a serem utilizados em sala de aula, sempre em consonância com as necessidades e características dos estudantes. A construção do PPP é um processo democrático que envolve toda a comunidade escolar — pais, alunos, professores, funcionários e gestores — garantindo que todos tenham voz e possam contribuir para o futuro da escola.

Cada escola é singular, refletindo as particularidades de sua comunidade e contexto. O PPP possibilita que a instituição desenvolva ações e projetos alinhados à realidade dos alunos e suas famílias, tornando o ensino mais relevante e significativo.

Além disso, o PPP atua como uma ferramenta de planejamento que ajuda a escola a estabelecer metas e ações para a melhoria contínua da qualidade educacional. Ele proporciona uma visão sistêmica e estratégica, facilitando a tomada de decisões fundamentadas e a avaliação do desempenho da instituição ao longo do tempo.

O PPP também define indicadores e critérios para avaliar o desempenho da escola, tanto no âmbito acadêmico quanto institucional. Isso contribui para uma prestação de contas transparente a todos os envolvidos, incluindo pais, estudantes, órgãos governamentais e a sociedade em geral.

Em síntese, o PPP é um instrumento essencial para a gestão escolar, fornecendo uma base sólida para o desenvolvimento de uma educação de qualidade, focada no crescimento integral dos alunos e na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Promover a conscientização, valorização e respeito à diversidade étnico-racial, por meio de um conjunto de atividades integradas durante os anos letivos (2023 – 2024) em consonância com a implementação da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão da história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições educacionais.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Desenvolver, através do gênero poema, consciência sobre uma educação antirracista;
- Realizar uma visita de estudo ao museu “Casarão Fazenda do Centro” com a finalidade de conhecimento do trabalho realizado população negra para a expansão da economia do município de Castelo (ES);
- Promover uma Noite Cultural na escola em conjunto com o Grupo de Capoeira do Movimento Negro Castelense.

3 JUSTIFICATIVA

Segundo Munanga (2003) O conceito de raça, etimologicamente originado do italiano "razza" e derivado do latim "ratio", que significa sorte, categoria ou espécie, possui uma trajetória complexa e multifacetada. Inicialmente empregado nas ciências naturais, como a Zoologia e a Botânica, o termo foi utilizado pelo naturalista sueco Carl Von Linné, conhecido em português como Lineu, para classificar as plantas em 24 raças ou classes — uma classificação que hoje se encontra totalmente abandonada.

Durante o latim medieval, o significado de raça evoluiu para designar a descendência e a linhagem, referindo-se a grupos de pessoas que compartilham um ancestral comum e, conseqüentemente, algumas características físicas em comum. Nos séculos XVI e XVII, esse conceito passou a influenciar as relações sociais na França, onde a nobreza, identificando-se com os Francos de origem germânica, opunha-se aos Gauleses, a população local. Essa identificação levou à construção de uma ideia de "raças puras", transportando noções botânicas e zoológicas para legitimar relações de dominação entre classes sociais, sem que houvesse diferenças morfo-biológicas significativas entre os indivíduos de ambos os grupos.

As grandes descobertas do século XV trouxeram à tona questionamentos sobre a humanidade, desafiando os limites da civilização ocidental. Os recém-descobertos, como ameríndios e negros, eram vistos como bestas ou seres humanos, e essa dúvida permeava as discussões da época. No século XVIII, o chamado "século das luzes", os filósofos iluministas contestaram o monopólio do conhecimento que estava nas mãos da Igreja e dos príncipes, buscando explicações mais racionais e universais para a história da humanidade.

Entretanto, a classificação da diversidade humana em raças distintas resultou em uma hierarquização que perpetuou a ideia do racismo. A cor da pele, considerada um critério fundamental de divisão, foi definida pela concentração de melanina, levando à categorização da espécie humana em três raças estancas: branca, negra e amarela. Essa divisão, embora pareça objetiva, é, na verdade, um critério relativamente artificial, já que menos de 1% dos genes humanos é responsável pelas diferenças visíveis na cor da pele.

Assim, a compreensão do conceito de raça revela não apenas uma construção social, mas também os desafios éticos e científicos que permeiam a discussão sobre

a diversidade humana. A história do conceito de raça nos ensina que a classificação de seres humanos deve ser tratada com cautela, reconhecendo a complexidade e a interconexão entre as diferentes culturas e identidades que compõem a tapeçaria da humanidade.

A implementação de estratégias eficazes para prevenir e eliminar discursos racistas entre os estudantes da Escola Família Agrícola de Castelo é necessária diante da promoção de uma cultura educacional inclusiva e respeitosa. O ambiente escolar é um espaço de formação integral, no qual não apenas o conhecimento acadêmico é transmitido, mas também valores sociais e éticos. O racismo, sendo uma manifestação nociva e prejudicial, compromete não apenas o bem-estar emocional dos envolvidos, mas também mina os princípios fundamentais de igualdade e respeito.

Ao abordar essa questão, reconhecemos a necessidade premente de criar um ambiente educacional seguro e acolhedor, onde todos os estudantes possam desenvolver-se livremente, sem o peso das discriminações raciais. Além disso, a Escola Família Agrícola de Castelo desempenha um papel fundamental na formação desses jovens, não apenas como estudantes, mas como cidadãos conscientes e éticos, capazes de contribuir positivamente para a sociedade.

Investir em estratégias que visam à prevenção e eliminação de discursos racistas não apenas alinha-se aos princípios fundamentais dos direitos humanos, mas também contribui para a construção de uma comunidade escolar mais coesa e harmoniosa. A diversidade é uma riqueza que deve ser celebrada, e o combate ao racismo é um compromisso essencial para garantir que todos os estudantes se sintam valorizados e respeitados, independentemente de sua origem étnica.

Dessa forma, a presente pesquisa busca não apenas identificar as melhores práticas para abordar discursos racistas na Escola Família Agrícola de Castelo, mas também se justifica pela necessidade de promover uma educação antirracista, capacitando os estudantes a reconhecer, desafiar e superar preconceitos, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

No decorrer do ano foram identificados comportamentos e falas racistas que carecem de intervenção por parte dos professores para combate a este tipo de atitude tanto dentro da escola quanto fora dela, por isso, o presente trabalho abarca a

seguinte questão: Como desenvolver estratégias eficazes para prevenir e eliminar discursos racistas entre os estudantes da Escola Família Agrícola de Castelo?

Para prevenir e eliminar discursos racistas entre os estudantes da Escola Família Agrícola de Castelo, é fundamental adotar uma educação antirracista. Pretende-se implementar programas educativos que abordem a história e o impacto do racismo, promovendo a conscientização sobre a diversidade cultural e étnica. Isso pode incluir palestras e debates que incentivem a reflexão crítica sobre preconceitos e estereótipos.

Oferecer capacitação para os docentes sobre como identificar e lidar com comportamentos racistas. Isso inclui técnicas de mediação de conflitos e estratégias de intervenção que promovam um ambiente de respeito e inclusão. Além disso, estabelecer grupos de discussão ou "círculos de diálogo" onde os estudantes possam compartilhar suas experiências e sentimentos sobre o racismo. Isso facilita a empatia e a compreensão mútua, permitindo que os alunos se sintam ouvidos e valorizados.

Implementar políticas claras contra comportamentos racistas, com consequências definidas para aqueles que perpetuam discursos de ódio. A comunicação dessas políticas deve ser feita de forma transparente e acessível a todos os membros da comunidade escolar. Celebrar a diversidade através de eventos culturais, como feiras, apresentações artísticas e exposições que destacam diferentes culturas e tradições. Isso não apenas enriquece a experiência escolar, mas também reforça a importância do respeito e da valorização das diferenças.

Integrar os pais e a comunidade local nas iniciativas antirracistas. Workshops e reuniões podem ser organizados para discutir a importância da educação antirracista e como as famílias podem apoiar essa causa em casa. Criar mecanismos para monitorar a eficácia das estratégias implementadas. Isso pode incluir a realização de pesquisas e entrevistas com estudantes e professores para avaliar a evolução do ambiente escolar em relação ao racismo.

Por sim, disponibilizar recursos de apoio psicológico para estudantes que tenham sido vítimas de racismo. Um espaço seguro para falar sobre suas experiências pode ajudar na recuperação emocional e promover um ambiente mais acolhedor.

Ao adotar essas estratégias, a Escola Família Agrícola de Castelo poderá não apenas prevenir e eliminar discursos racistas, mas também promover uma cultura de respeito e inclusão, preparando os estudantes para serem cidadãos conscientes e ativos na luta contra a discriminação em todas as suas formas.

4 METODOLOGIA

Para o cumprimento das etapas do projeto inicialmente foram realizados diagnósticos das turmas em relação a necessidade de intervenção contra falas racistas. A turma que tinha maior índice foi a da segunda série (2ª) atual terceira série (3ª). Contudo, a prática foi realizada com todas turmas com finalidade de cumprimento da Lei nº 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições de educacionais.

A pesquisa bibliográfica foi uma ferramenta essencial para a escolha dos textos que deram suporte teórico à pesquisa. Segundo Gil (2010), ela baseia-se em material previamente elaborado, como livros e artigos científicos. Esse tipo de pesquisa é comum em muitos estudos e, em alguns casos, pode ser realizada exclusivamente a partir de fontes bibliográficas, especialmente em estudos exploratórios e na análise de ideologias e diversas posições sobre um problema, como é o caso do trabalho proposto.

Para a sistematização dos textos, a autora utilizou a revisão bibliográfica como estratégia metodológica de coleta de informações. Segundo Oliveira (2008), estudos de revisão bibliográfica se caracterizam pelo uso e análise de documentos científicos, como livros, teses, dissertações e artigos, sem a necessidade de recorrer diretamente aos fatos empíricos. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica utiliza fontes secundárias, baseando-se nas contribuições de diversos autores sobre um tema específico, o que a distingue da pesquisa documental, que se caracteriza pelo uso de fontes primárias que ainda não receberam tratamento científico.

Conforme Barros (2009), em uma revisão bibliográfica, o autor de um projeto não cita ou comenta diretamente revistas e jornais especializados, mas sim os artigos específicos dentro dessas publicações que são relevantes para o seu tema, selecionando-os com critério e pertinência.

Em segundo plano foi realizado o método de pesquisa-ação, ela é um tipo de abordagem metodológica que visa não apenas investigar, mas também transformar a realidade social em que se insere. Segundo Thiollent (2011), o método é caracterizado pela estreita associação entre a produção de conhecimento e a resolução de problemas coletivos, sendo a participação ativa tanto dos pesquisadores quanto dos participantes um aspecto central. Nesse processo, os participantes não são apenas

sujeitos da pesquisa, mas também coautores das disciplinas, o que, conforme Freire (1996), promove uma prática emancipatória, na qual a consciência e a ação crítica emergem como elementos fundamentais para uma transformação social.

O Plano Municipal de Educação estabeleceu em sua meta 13:

Apoiar a promoção da melhoria da qualidade dos cursos de pedagogia e licenciatura, por meio de aplicação de instrumento próprio de avaliação aprovado pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior – CONAES, integrando-os às demandas e necessidades das redes de educação básica, de modo a permitir aos graduandos a aquisição das qualificações necessárias a conduzir o processo pedagógico de seus futuros alunos (as), combinando formação geral, educação para as relações étnico-raciais, além de prática didática (Plano Municipal de Educação, 2014).

A formação continuada dos professores no município é um aspecto fundamental para a melhoria da qualidade da educação. O Plano Municipal de Educação (2014) enfatiza a importância de integrar os cursos de pedagogia e licenciatura às demandas específicas da rede de educação básica, permitindo que os professores adquiram não apenas a qualificação pedagógica geral, mas também habilidades externas para práticas inclusivas, como a educação para as relações étnico-raciais. A formação continuada visa atualizar e aprimorar os conhecimentos dos docentes, contribuindo para que possam conduzir processos pedagógicos inovadores e inclusivos, alinhados às realidades e desafios das escolas municipais. A partir da formação, foi possível traçar outras estratégias para a promoção de uma educação antirracista na Escola Família Agrícola de Castelo.

Como uma ação inicial na escola, foi elaborada uma sequência didática com o objetivo de abordar de maneira aprofundada a temática da poesia, estimulando os estudantes a refletirem criticamente sobre esse gênero literário. A construção dessa sequência didática para o ensino do gênero poema no Ensino Médio é essencial, pois não apenas desenvolve a habilidade dos alunos em apreciar e produzir textos poéticos, mas também contribui para a formação de leitores críticos e reflexivos, capazes de se conectar com a linguagem e a emoção contidas na poesia.

A poesia, com sua linguagem rica em metáforas, sonoridades e emoções, oferece aos alunos a oportunidade de desenvolver uma sensibilidade estética aguçada. Como bem destaca Paulo Freire (1996), “ensinar exige o amor à prática da educação, à prática da leitura e à prática da escrita”. Nesse sentido, a sequência

didática proporciona um espaço fértil onde os estudantes são incentivados a experimentar diferentes formas de expressão, permitindo que se conectem profundamente com suas emoções e com o mundo ao seu redor.

A leitura e a produção de poemas não apenas ampliam o vocabulário dos alunos, mas também estimulam sua criatividade. Conforme afirma a educadora MDS Rosa (2002), “a poesia é um convite à liberdade da criação, ao jogo das palavras e ao inusitado”. Ao trabalhar com diferentes estilos poéticos, os alunos são incentivados a explorar novas formas de escrita, desenvolvendo a capacidade de expressar suas ideias de maneira original e inovadora. Essa exploração é fundamental para a formação de um pensamento crítico que valoriza a singularidade de cada voz.

Além disso, a análise de poemas permite que os alunos adotem uma postura crítica em relação ao texto que leem. A poetisa e crítica literária Adélia Prado (1999) afirma que “a poesia é uma maneira de ver o mundo e de se ver no mundo”. Através da sequência didática, os estudantes são convidados a refletir sobre os temas abordados nos poemas, estabelecendo conexões com suas experiências pessoais e sociais. Essa prática não apenas enriquece a interpretação literária, mas também promove uma compreensão mais profunda das questões sociais e culturais que permeiam a vida contemporânea.

A poesia também é uma forma de expressão que reflete a diversidade cultural de um povo. Ao incluir poetas de diferentes contextos e estilos, a sequência didática promove o reconhecimento e a valorização da pluralidade cultural. Como observa a professora e pesquisadora Lúcia de Almeida (2006), “a literatura é um campo de reflexão sobre a identidade, a cultura e as relações sociais”. Essa diversidade é essencial para a formação de uma consciência crítica e inclusiva nos alunos, permitindo que eles entendam e respeitem as diferentes vozes e histórias que compõem a sociedade.

Através da produção de poemas, os alunos não apenas exercitam a prática da escrita, mas também desenvolvem sua autonomia e autoexpressão. Segundo a educadora Ana Teberosky (2007), “a escrita poética é um espaço de liberdade, onde o aluno pode construir seu próprio universo simbólico”. Portanto, a sequência didática deve oferecer oportunidades para que os alunos explorem suas vozes individuais e desenvolvam sua identidade como escritores, promovendo um ambiente onde a

criatividade e a autoafirmação são encorajadas. Estimular a apreciação, a crítica e a produção poética, essa sequência contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e preparados para interagir com a diversidade cultural e social que os cerca.

De acordo com Begnami e Burghgrave (2023) na concepção das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), a Visita de Estudo é uma mediação pedagógica fundamental que está alinhada ao princípio da Pedagogia da Alternância, metodologia central das EFAs. Nessa pedagogia, os estudantes alternam entre períodos de formação na escola e na comunidade, conectando o conhecimento teórico com a realidade prática. A Visita de Estudo tem como objetivo proporcionar experiências concretas que permitam ao aluno relacionar os conteúdos estudados em sala de aula com as experiências do mundo real, especialmente no contexto rural.

Essa prática é vista como uma oportunidade de ampliar a compreensão dos estudantes sobre as dinâmicas sociais, culturais e produtivas das comunidades onde vivem e trabalham. A Visita de Estudo, além de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, fomenta a autonomia e o protagonismo dos estudantes, já que eles são incentivados a observar, analisar e refletir sobre a realidade local, possibilitando a construção de conhecimento contextualizado e aplicável às suas vidas e à sua comunidade.

A Visita de Estudo foi realizada no Museu Histórico “Casarão da Fazenda do Centro”, localizado no município de Castelo (ES). A escolha do museu foi motivada pelo fato de ele estar localizado em uma antiga fazenda escravista, e mostrar aos alunos como a população negra contribuiu para o desenvolvimento da economia no município.

A Visita de Estudo proporcionou uma experiência prática e vivencial, contribuindo para uma compreensão mais profunda e pessoal da temática abordada. A análise das produções dos alunos revelou a importância de ampliar o conteúdo curricular para incluir uma educação voltada para as relações étnico-raciais. Essa experiência destacou a necessidade de promover o reconhecimento e a valorização das contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros na formação da sociedade brasileira, evidenciando a importância de um esforço contínuo para desmistificar preconceitos e construir uma consciência crítica sobre as questões étnico-raciais.

A Noite Cultural na escola é um evento que visa integrar a comunidade escolar e promover a valorização das diversas expressões culturais presentes no contexto dos alunos. Esse tipo de atividade é fundamental para fortalecer o vínculo entre os estudantes, professores, familiares e a comunidade, além de proporcionar um espaço para a apresentação de talentos e para a celebração da diversidade cultural.

Nas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), a Noite Cultural tem um papel ainda mais significativo, pois reforça a conexão entre a escola e as realidades culturais e sociais da comunidade rural. Através de apresentações artísticas como peças teatrais, danças, música, poesia, e exposições de artesanato, os alunos têm a oportunidade de expressar suas vivências e identidades, muitas vezes relacionadas às tradições do campo.

A Noite Cultural da Escola Família Agrícola de Castelo foi uma celebração vibrante e significativa, organizada e liderada pelos monitores das áreas de Linguagens e Ciências Humanas, Raquel Valani e Sávio Mendonça, em colaboração com uma equipe de monitores e os alunos. O evento contou com uma rica programação que incluiu apresentações musicais, declamação de poemas, exhibições de capoeira, contação de histórias e uma diversidade de comidas típicas, proporcionando uma experiência imersiva e prazerosa para todos os participantes.

O tema da Noite Cultural foi, de maneira especial, a Identidade Brasileira, uma escolha que refletiu a diversidade cultural do nosso país. Durante o evento, buscamos valorizar e destacar as múltiplas influências que compõem a identidade nacional, explorando as particularidades de todas as regiões brasileiras. Cada apresentação e atividade foi cuidadosamente planejada para celebrar a riqueza das tradições e expressões culturais que fazem do Brasil um país tão plural e único. A Noite Cultural, assim, não apenas promoveu o aprendizado e a interação entre os alunos, mas também reforçou a importância da valorização das identidades regionais na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A Folha de Observação (FO) é uma importante ferramenta de mediação pedagógica utilizada pelas Escolas Famílias Agrícolas (EFA's), mas, lamentavelmente, não é implementada pela EFA-Castelo. Diante disso, seria extremamente benéfico que, a partir do Projeto de Pesquisa e Experimentação (PPEP),

a EFA-Castelo adotasse essa prática, uma vez que a FO desempenha um papel importante na formação dos estudantes.

Conforme afirmam Begnami e Burghgrave (2023), a Folha de Observação está intimamente relacionada às oportunidades de complementação do Plano de Estudo. Trata-se de um questionário elaborado pelos monitores e distribuído aos alunos, com o objetivo de ajudá-los a compreender melhor sua própria realidade. Essa mediação pedagógica não apenas facilita o reconhecimento das condições e desafios enfrentados pelos estudantes, mas também promove uma reflexão mais profunda sobre suas vidas e o contexto social em que estão inseridos.

Ao implementar a FO, a EFA-Castelo poderia fomentar um ambiente de aprendizagem mais reflexivo e crítico, estimulando os alunos a pensarem sobre suas experiências e a buscarem soluções para os problemas que os cercam. Essa prática não apenas fortalece a conexão dos estudantes com o seu processo educativo, mas também contribui para o desenvolvimento de competências essenciais, como a autonomia, o pensamento crítico e a empatia em relação às realidades sociais. Portanto, a inclusão da Folha de Observação no contexto da EFA-Castelo é uma proposta que merece consideração e implementação.

A proposta de inserir a Folha de Observação (FO) na turma da segunda série é extremamente pertinente, especialmente considerando que essa turma está atualmente envolvida no desenvolvimento do Tema Gerador (TG): A Reprodução. Este contexto oferece uma oportunidade para abordar não apenas os conceitos biológicos de reprodução, mas também a reprodução de estereótipos, como o racismo estrutural, que permeia a sociedade.

A utilização da FO permitirá que os estudantes reflitam de maneira crítica sobre como esses estereótipos são perpetuados e quais são suas implicações na vida cotidiana. Através de um questionário cuidadosamente elaborado, os alunos poderão explorar suas próprias percepções, experiências e o impacto do racismo em diferentes áreas, como educação, saúde, mercado de trabalho e relações sociais. A FO está disponível para visualização no apêndice.

Sendo assim, a prática aconteceu da seguinte forma.

Plano de ação:

Atividades	Realização
Formação continuada do município - Formação Continuada de Gestores e Professores: Relações étnico-raciais	Parceria com o município.
Estudo dos teóricos	Pesquisa bibliográfica.
Organização do plano de aula (gênero poema e produção dos cartazes)	Aulas de Português e Arte.
Visita de Estudo (Casarão Fazenda do Centro)	Todas as turmas.
Noite Cultural	Integração das áreas de linguagens e humanas.
Apresentação do trabalho no VII SIMPÓSIO DE DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL: POLÍTICAS AFIRMATIVAS, CURRÍCULO E IDENTIDADE	Ufes.
Criar e entregar a Folha de Observação para a turma da segunda série (2ª). Tema gerador: A Reprodução.	EFA.

Fonte: Própria autora.

Essas foram as principais atividades desenvolvidas no decorrer da pesquisa. As atividades realizadas na formação continuada de gestores e professores, enfatizando as relações étnico-raciais. Incluem a pesquisa bibliográfica sobre teóricos relevantes, a organização de aulas de Português e Arte com foco na produção de poemas e cartazes, e uma visita de estudo ao Casarão Fazenda do Centro para todas as turmas.

Além disso, foi realizada uma Noite Cultural que integrou as áreas de linguagens e humanas, e houve a apresentação de um trabalho no VII Simpósio de Diversidade Étnico-Racial na Ufes, abordando políticas afirmativas e identidade. Por fim, foi criada uma Folha de Observação para a 2ª série com o tema "A Reprodução", envolvendo os monitores da EFA. Essas atividades refletem um compromisso com a diversidade e a educação inclusiva.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização das atividades previstas no projeto, inspirou-se, por meio dos poemas dos alunos, que muitos estudantes, especialmente aqueles da 1ª série, demonstram um profundo desconhecimento sobre a história da escravidão no Brasil. A análise dos trabalhos, como o poema "Libertação", escrito por uma aluna, ilustra a forma simplista e distorcida com que alguns jovens ainda veem esse momento da história, valorizando figuras como a Princesa Isabel, sem compreender a complexidade do processo de abolição e a resistência negra.

O desconhecimento evidenciado pelos estudantes aponta para falhas no cumprimento eficaz da Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Apesar de estar em vigor há mais de 20 anos, a lei, em muitos casos, ainda não alcançou sua plena implementação. Isso reflete uma lacuna importante no processo de formação educacional, especialmente no que diz respeito à conscientização sobre o legado da escravidão e as contribuições da população negra na construção do Brasil.

O poema da aluna reforça a visão tradicional, em que a libertação dos escravizados é atribuída exclusivamente à Princesa Isabel, ignorando a luta e resistência de pessoas negras e movimentos abolicionistas que culminaram na assinatura da Lei Áurea. Esse tipo de narrativa, que ainda persiste, revela a necessidade de uma abordagem mais crítica e inclusiva no ensino da história afro-brasileira, de formar a desconstruir mitos e valorizar os protagonistas negros que resistiram à escravidão e desenvolvidos para o processo de abolição.

Considerando esse cenário, é importante que as escolas, os professores e os sistemas de ensino busquem não apenas cumprir a letra da Lei nº 10.639, mas, sobretudo, trabalhar com uma educação antirracista, que promova o reconhecimento das injustiças históricas e valorize a cultura e a resistência afro-brasileira. Isso inclui desde a formação inicial e continuada dos docentes, até a criação de materiais didáticos que retratam de forma mais completa e crítica a história da escravidão, indo além da visão eurocêntrica que ainda predomina.

A perpetuação do desconhecimento entre os alunos, como o registrado no projeto, aponta para a necessidade de um reforço no compromisso das instituições

educativas em transformar essa realidade, garantindo que os estudantes não apenas os conheçam, mas reflitam sobre a história da escravidão e o impacto das desigualdades raciais no presente.

Após a apresentação do poema "Sou Negra", declamado em vídeo por Nina Simone, alguns alunos riram, demonstrando não apenas uma falta de entendimento sobre a importância da temática, mas também uma possível resistência ou desconexão com questões relacionadas à negritude e à luta contra o racismo. Isso se torna ainda mais preocupante considerando que esses alunos, com mais de 15 anos, estão no Ensino Médio, uma fase em que já deveriam ter maior consciência crítica sobre temas sociais.

Essa reação sugere que, apesar de estarem em um estágio avançado de sua formação educacional, muitos estudantes ainda não foram expostos a uma educação antirracista ou não tiveram experiências pedagógicas que fomentem o respeito e a valorização da diversidade racial. A educação deve promover um ambiente de reflexão e de enfrentamento de preconceitos, e a reação desses alunos revela que, em alguns casos, a escola não tem sido efetiva na abordagem dessas questões.

O poema "Sou Negra" de Nina Simone carrega uma força histórica e cultural que transcende a simples expressão artística. Ele aborda questões de identidade, resistência e orgulho racial, temas fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Ao rir diante dessa mensagem, os alunos não apenas desconsideraram a importância da obra, mas também perderam uma oportunidade de refletir sobre a experiência negra e suas implicações na formação de um mundo que ainda lida com as marcas do racismo. "Num racismo estrutural, não é surpreendente que o racismo se manifeste até nos momentos em que menos se espera. Nossa tarefa é desafiá-lo a cada passo (Davis, 1981)".

Essa situação levanta questões sobre a formação cultural e histórica desses alunos. A falta de uma compreensão crítica da realidade racial e do impacto histórico da escravidão e da opressão sobre a população negra no Brasil pode ser fruto de um currículo escolar que, apesar da Lei nº 10.639/2003, ainda não aborda adequadamente essas questões. Isso evidencia a necessidade de uma revisão na abordagem pedagógica, em que temas como racismo, identidade e resistência negra sejam tratados de forma contínua e não pontual.

Além disso, a postura dos alunos sugere uma resistência que pode estar associada ao racismo estrutural presente na sociedade. Muitos adolescentes, ao crescerem em ambientes que naturalizam o preconceito, acabam reproduzindo comportamentos discriminatórios sem se darem conta. Por isso, a escola, como espaço de formação crítica, precisa se comprometer em criar condições para que esses jovens possam rever suas posturas e desenvolver uma consciência social mais inclusiva e respeitosa.

É importante também que os educadores estejam preparados para lidar com essas situações de maneira sensível, buscando promover diálogos que ajudem a desconstruir preconceitos e aprofundar o entendimento dos alunos sobre questões raciais. A simples exibição de conteúdos relacionados à negritude não é suficiente se não houver uma mediação pedagógica que contextualize a relevância da temática e o impacto da obra no combate ao racismo.

Esse incidente reforça a necessidade de mais iniciativas educativas que não apenas informem, mas também sensibilizem os estudantes sobre a importância da diversidade e da luta contra as discriminações. É fundamental que a escola atue como um espaço de resistência ao racismo, promovendo a valorização das identidades e histórias marginalizadas, para que todos os alunos possam compreender e respeitar a importância dessas narrativas.

A Folha de Observação foi aplicada nas turmas da segunda e quarta séries, pois acreditamos na importância de envolver diferentes níveis de aprendizagem. Essa abordagem nos permitiu analisar, com um maior número de estudantes, as necessidades de futuras intervenções. A partir da pesquisa, obtivemos os seguintes resultados.

A questão número 1 teve como objetivo analisar como os entrevistados definem o racismo estrutural: Acredito que seja algo que acontece apenas em situações específicas; É um conjunto de práticas e normas que favorecem um grupo em detrimento de outros ou não sei. Com base nas opções apresentadas, a resposta foi a seguinte:

Gráfico 1

1. Como você define racismo estrutural?
45 respostas



Fonte: Própria autora.

Dos 45 entrevistados, 29 afirmaram que o racismo é um conjunto de práticas e normas que favorecem um grupo em detrimento de outros.

Na segunda questão, os estudantes foram questionados sobre se já presenciaram ou ouviram situações que evidenciam racismo em suas escolas ou comunidades. A maioria respondeu afirmativamente, trazendo à tona relatos impactantes e preocupantes. Algumas das falas destacadas foram:

- “Sim, pela cor da pele.”
- “Sim, pessoas com falas racistas como na família, pessoas sendo racistas.”
- “Sim, pessoas brancas chamando as outras de macaco.”
- “Sim, em outra escola, alunos chamavam uma pessoa de 'preta', 'macaca'.”

Outros relatos trouxeram à luz como o racismo se manifesta nas interações cotidianas:

- “Já ouvi e tenho amigos que praticam racismo; fica falando 'olha o pretinho passando' e isso acontece toda hora.”
- “Sim, como a pessoa fica muito constrangida com esses comentários, ela fica mal. Creio que todos deveriam pensar antes de falar, especialmente sobre isso; já houve casos em que jovens se matam por comentários desnecessários.”

Esses testemunhos revelam a dor e o impacto do racismo, como descrito em falas como:

- “Sim, já ouvi frases racistas de ofensas e não é agradável para quem escuta.”

- “Sim, apelidos e falas racistas sem tom de brincadeira. Falavam como se a pessoa fosse 'menos humana' apenas pelo seu tom de pele.”

O relato mais chocante foi de um estudante que mencionou:

- “Sim, quando um aluno negro errou em uma apresentação de trabalho, vários colegas disseram: 'tinha que ser descendente de escravo, seu preto burro.’”

Esse tipo de situação destaca a necessidade urgente de abordar o racismo nas escolas e comunidades. A maioria das respostas reflete uma realidade alarmante, onde o racismo se torna uma parte cotidiana da experiência escolar. É crucial promover discussões abertas e educativas sobre diversidade, empatia e respeito, visando transformar essas experiências dolorosas em aprendizado e conscientização.

A terceira questão trouxe à tona se o aluno acha que o racismo estrutural afeta as oportunidades de educação para diferentes grupos sociais. 38 estudantes afirmaram que afeta muito, pois há desigualdades.

Gráfico 2

3. De que forma você acha que o racismo estrutural afeta as oportunidades de educação para diferentes grupos sociais?

45 respostas



Fonte: Própria autora.

A quarta questão traz as questões relacionadas aos estereótipos raciais que são imagens e conceitos preconcebidos que frequentemente não correspondem à realidade, mas que impactam profundamente a vida das pessoas. As respostas coletadas revelam um leque de ofensas e rótulos que perpetuam a discriminação, como:

- “Olha a cor desse negro” e “criolo por conta da cor da pele.”
- “Macaco”, “tinha que ser preto”, “cartolina preta”, “macaquice.”

- “Cabelo duro” e “cabelo de bombрил” são apenas algumas das expressões que mostram o desdém associado à aparência física.

Essas falas não apenas refletem preconceitos enraizados, mas também têm consequências sérias na autoestima e na saúde mental das pessoas. Como uma das participantes mencionou: “Isso causa um impacto de negação na vida da pessoa,” ressaltando como esses rótulos podem levar a sentimentos de inferioridade e desvalorização.

Outro depoimento significativo afirma: “O racismo impacta muito na vida das pessoas, deixando-as desmotivadas.” Isso sugere que a repetição de estigmas, como “serviço de preto” ou “volta para a senzala,” não só afeta o presente, mas também pode levar a problemas emocionais a longo prazo, como depressão e ansiedade. Um relato destaca a experiência de um antigo namorado da avó de um estudante, que foi chamado de “macaco preto” repetidamente, resultando em uma reação extrema. Essa situação exemplifica como a agressão verbal pode culminar em conflitos físicos e a dificuldade de buscar ajuda em ambientes educacionais, onde a cultura de silenciamento pode prevalecer.

A repetição de termos como “negresco,” “carvão,” e “zebra sem listra branca” evidencia a variedade de ofensas que desumanizam indivíduos com base na cor da pele. Como uma participante conclui: “Essas falas afetam o psicológico da pessoa, fazendo com que ela se sinta mal.”

A pergunta número cinco buscou identificar se os entrevistados conhecem alguém que tenha enfrentado discriminação racial e como isso impactou a vida dessa pessoa. As respostas revelaram um panorama preocupante sobre os efeitos da discriminação. Algumas das falas mais significativas incluem:

- “Sim, a pessoa teve muitos problemas mentais.”
- “Sim, muito, pois ela se sente atingida ou desmerecida.”
- “Sim, afeta o psicológico da pessoa.”

Muitas respostas destacam o impacto psicológico da discriminação. Um participante observou que “a saúde mental da pessoa fica abalada, fazendo-a sentir-se inferior às outras.” Outro relato é de que a discriminação “afetou sua autoestima e fez com que se sentisse menosprezada.”

Uma análise interessante foi feita em relação a Vinícius Júnior, mencionando que “impactou o desempenho em campo.” Isso ressalta que a discriminação não apenas afeta a vida pessoal, mas também pode ter repercussões em áreas profissionais.

Ainda, um entrevistado afirmou: “Não conheço ninguém, mas acredito que isso tenha um grande impacto na vida da pessoa, pois é algo horrível de se fazer por causa do tom da pele.” Essa percepção enfatiza a necessidade de uma maior conscientização e empatia na sociedade.

As falas que mencionam a tristeza e o isolamento causados pela discriminação são recorrentes. Por exemplo, “Sim, deixa muito triste e com a autoestima baixa” e “ele se sente uma pessoa triste, isolada e sem vigor.” Esses sentimentos podem levar a consequências graves, como desistência da escola e dificuldades de interação social.

Cerca de 80% dos estudantes acreditam que o papel da sociedade no combate ao racismo estrutural está intimamente ligado à educação e à conscientização. Essa percepção destaca a importância de uma abordagem educativa para enfrentar preconceitos enraizados e promover a inclusão. A educação desempenha um papel fundamental na formação de valores e na desconstrução de estereótipos, permitindo que as pessoas reconheçam e questionem as desigualdades sociais.

Além disso, a conscientização sobre as realidades do racismo estrutural pode empoderar indivíduos a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades. Ao entenderem o impacto histórico e social do racismo, os estudantes podem desenvolver empatia e solidariedade, fundamentais para construir uma sociedade mais justa.

Gráfico 3

6. Na sua opinião, qual é o papel da sociedade em combater o racismo estrutural?
45 respostas



Fonte: Própria autora.

As respostas sobre se a escola poderia fazer mais para combater o racismo revelam um forte consenso em favor da educação e da conscientização. Muitas sugestões foram apresentadas, com ênfase em palestras e eventos, como expressado em falas como:

- “Sim, mais palestras sobre conscientização.”
- “Sim, trazendo palestras, aulas com o tema e várias outras formas interessantes.”
- “Sim, dar palestras e apoio a quem sofre, além de explicar aos que praticam racismo como isso afeta os outros.”

Essas respostas mostram que a comunidade escolar reconhece a importância de um espaço educativo que não apenas informe, mas também forme empatia e respeito. A ideia de que “testemunhos de quem sofreu discriminação podem ajudar” também foi mencionada, ressaltando o valor de experiências pessoais para sensibilizar e engajar os alunos.

Além de palestras, algumas respostas sugeriram ações mais estruturadas, como:

- “Incluir história e cultura de grupos marginalizados no currículo.”
- “Desenvolver políticas claras contra discriminação racial e implementar ações afirmativas para igualdade.”

Essas sugestões indicam uma demanda por uma abordagem mais integrada e sistemática no combate ao racismo. A educação formal pode ser um poderoso agente de mudança, promovendo um entendimento mais profundo das questões raciais e capacitando os alunos a se tornarem defensores da igualdade.

Outra sugestão relevante foi a criação de “espaços seguros e acolhedores para alunos marginalizados,” o que destaca a necessidade de um ambiente escolar inclusivo onde todos se sintam valorizados.

As respostas sobre como os alunos se sentem ao pensar sobre o racismo e suas implicações na sociedade revelam um espectro emocional significativo. A grande maioria, cerca de 62,2%, expressou-se como “triste e preocupado(a),” refletindo a seriedade com que muitos encaram a questão. Isso sugere uma compreensão profunda das injustiças associadas ao racismo, bem como uma preocupação com seu impacto nas vítimas.

Uma proporção considerável, 20%, relatou estar "indignado(a) e motivado(a) a agir." Essa reação demonstra que, além da tristeza, há uma vontade de mudança e de participação ativa na luta contra o racismo. Esse impulso pode ser fundamental para a formação de uma consciência coletiva que busca transformar a sociedade. Por outro lado, 11,1% dos respondentes afirmaram não sentir nada. Essa indiferença pode indicar um distanciamento emocional em relação ao tema ou uma crença de que o racismo não os afeta diretamente. Um estudante afirmou que “a pessoa que faz o racismo, muitas das vezes, se sente inferior à vítima,” sugerindo que ele percebe a dinâmica do racismo como mais complexa do que simplesmente uma questão de agressão.

Em relação às sugestões para combater o racismo, a maioria dos alunos propôs ações educacionais, como palestras e aulas de conscientização. Algumas falas destacam a necessidade de discussões abertas e informativas, como:

- “Fazer palestras falando sobre o tema.”
- “Mais palestras sobre religiões de matrizes africanas.”
- “Aulas sobre o sofrimento de quem sofre o racismo, conscientização, a denúncia para as pessoas certas.”

Essas propostas indicam uma expectativa de que a educação desempenhe um papel central na desconstrução de preconceitos e na promoção da empatia.

Entretanto, algumas respostas revelaram uma percepção crítica, como a de um aluno que afirmou: “a ênfase na conscientização do racismo gera mais racismo.” Essa visão evidencia a complexidade do tema, destacando a importância de abordagens pedagógicas que vão além da simples conscientização. É necessário promover ações concretas e transformações nas atitudes, de modo a desconstruir visões equivocadas, conduzindo a uma compreensão mais comprometida com a luta antirracista.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fomentar uma educação antirracista é responsabilidade de todos os cidadãos, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Este compromisso é especialmente relevante nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs), que se dedicam incansavelmente a promover uma educação justa e igualitária. Esses centros lutam por uma educação que garanta equidade entre o campo e a cidade, levantando suas bandeiras em prol de um ensino que valorize as especificidades de cada realidade. Nosso principal objetivo é promover uma educação equitativa, e nossa ferramenta mais poderosa é a formação de cidadãos críticos e reflexivos, capazes de compreender sua própria história, suas ações e os impactos que elas geram na sociedade.

A participação no *VII Simpósio De Diversidade Étnico-Racial: Políticas Afirmativas, Currículo E Identidade* não estava prevista nas ações iniciais do projeto. No entanto, ao longo do desenvolvimento do processo, diversas mudanças ocorreram, refletindo as necessidades e desafios enfrentados pela Escola Família Agrícola. Essas transformações nos levaram a repensar e adaptar nossas ações, resultando na substituição de algumas atividades por outras mais relevantes.

Dentre as novas iniciativas, destaca-se a inclusão da apresentação no simpósio, uma oportunidade para compartilhar experiências e promover diálogos sobre diversidade e inclusão. Através da minha constante interação com a universidade, facilitada pelo mestrado, tive a oportunidade de apresentar meu Projeto de Pesquisa e Experimentação (PPEP) à comunidade acadêmica. Essa troca de conhecimentos é fundamental não apenas para o meu crescimento pessoal e profissional, mas também para fortalecer a articulação entre a escola e o meio acadêmico, contribuindo para uma formação mais rica e diversificada. Essa experiência no simpósio representa um passo significativo na construção de uma educação que valoriza a diversidade étnico-racial e promove políticas afirmativas em nosso currículo.

É fundamental ressaltar a importância da Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições educacionais. No entanto, é importante que não nos restrinjamos apenas a essa legislação. Para que possamos realmente avançar em ações antirracistas, é

necessário ir além da implementação de leis e promover uma transformação cultural mais ampla.

A criação dessa lei é um marco significativo, pois assegura que temas essenciais sobre a história e a cultura afro-brasileira sejam abordados nas salas de aula. Contudo, como bem destacou Carlos Drummond de Andrade em seu poema "Nosso tempo", "*Os lírios não nascem da lei*". Essa citação nos lembra que a beleza, a justiça e a humanidade não podem ser cultivadas somente por meio de normas formais. A verdadeira transformação social requer um compromisso mais profundo e genuíno com a educação e a conscientização.

Para que possamos alcançar uma sociedade verdadeiramente justa e equitativa, é necessário fomentar um ambiente educacional que promova a empatia, a solidariedade e a compaixão, valores que não podem ser impostos, mas cultivados. Assim, devemos unir esforços para que a educação antirracista se torne uma prática constante, permeando todos os aspectos da formação dos indivíduos e contribuindo para um futuro mais inclusivo e respeitoso. Essa visão exige um engajamento coletivo que vai além das obrigações legais, buscando a construção de uma sociedade onde todos possam florescer, independentemente de sua origem étnica ou racial.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lúcia de. **Literatura e Identidade: A Construção do Sujeito em Textos Literários**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

BARROS, Aparecida de Souza Lehfeld. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry De. Mediações didáticas da pedagogia da alternância – volume 1. Nova Friburgo – RJ. **Pragma Livros**, 2023.

BRASIL. Educação anti-racista : caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília : **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**, 2005.

CASTELO. **Plano Municipal de Educação: 2014/2024**. Prefeito: Jair Ferraço Junior; Secretária Municipal de Educação: Devani Sossai Nicoli. Castelo: Prefeitura Municipal, 2014.

DAVIS, Angela. *Women, Race, & Class*. Random House, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** . São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 37.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** . 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Nilma Lino; JESUS, Rodrigo Ednilson de. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 19-33, jan./mar. Editora UFPR. 2013.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **RAÇA E OS ESTUDOS DE RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL**. 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem das noções conceituais de raça, racismo, identidade e etnia** . Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB-RJ, 05 nov. 2003.

OLIVEIRA, Maria. **Como fazer pesquisa qualitativa** . 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PEREIRA, André Guzzo; SILVA, Valquiria Santos; ANGELO, Vitor Amorim. **Caderno orientador para a educação das Relações Étnico-raciais no Espírito Santo**. Secretaria de Estado da Educação: 2023.

PRADO, Adélia. **A Alegria de Ser Livre**. São Paulo: Objetiva, 1999.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.

ROSA, Maria da Glória de Sousa. **A Poesia na Escola: Criatividade e Formação de Leitores**. São Paulo: Editora do Brasil, 2002.

TEBEROSKY, Ana. **A Escrita: Caminhos e Descaminhos**. São Paulo: Editora Moderna, 2007.

TIOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

8 ANEXOS

ANEXO I

Imagem 1: cartaz da formação continuada promovida pelo município.



ANEXO II

Imagem 2: certificado da apresentação do trabalho no simpósio de diversidade étnico-racial da Ufes.



CERTIFICADO

Certificamos que Raquel Valani, Marcia Eduarda Rosa Rodrigues e Simone Aparecida Fernandes Anastácio apresentaram o trabalho intitulado "Estratégias de combate a falas racistas em uma Escola Família Agrícola: relato de experiência", no **VII SIMPÓSIO DE DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL: POLÍTICAS AFIRMATIVAS, CURRÍCULO E IDENTIDADE**, realizado nos dias 07, 08 e 09 de agosto de 2024, na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Alegre - Espírito Santo.

Alegre/ES, 23 de agosto de 2024


Alexandre dos Santos Anastácio
 Coordenador da Comissão Organizadora

Realização:



Apoio:



ANEXO III

Visita de Estudo – 1ª e 3ª série (2023)



Fonte: Própria autora.

Visita de Estudo – 1ª e 3ª série (2024)



Fonte: Própria autora.

Noite Cultural



Fonte: Própria autora.



Fonte: Própria autora.



Fonte: Própria autora.



Fonte: Própria autora.



Fonte: Própria autora.



Fonte: Própria autora.



Fonte: Própria autora.

9 APÊNDICES

APÊNDICE I

Tabela 1: Cronograma de atuação.

Atividades	2022/1	2022/2	2023/1	2023/2	2024/1	2024/2
Encontros no CFR	x	x	x	x		
Escolha do tema			x			
Escrita do Projeto		x	x	x	x	
Intervenção			x	x	x	
Apresentação do PPEPP						x

Fonte: Própria autora.

APÊNDICE II

Plano de Aula Gênero Poema - Relações Étnico-Raciais e Identidade Negra (Interdisciplinaridade com Arte)
Tema: Identidade Negra e Resistência
Objetivo Geral: Desenvolver a compreensão sobre a identidade negra e as relações étnico-raciais por meio da produção poética e artística, promovendo a valorização da cultura afro-brasileira.
Público-Alvo: Alunos da Escola Família Agrícola de Castelo.
Duração: 5 aulas de 60 minutos cada
Aula 1: Introdução ao Tema - Iniciar com uma roda de conversa sobre identidade e como fatores étnicos e raciais influenciam a formação da identidade de um indivíduo. Apresentar a história da resistência negra no Brasil e a importância da cultura afro-brasileira. Por meio de vídeo e relatos. Leitura do livro “Pequeno Manual Antirracista”, de Djamila Ribeiro e do “Caderno Orientador para a Educação das

Relações Étnico-raciais no Espírito Santo”. Vídeo do poema “Sou negra”, declamado por Nina Simone.
Aula 2: Leitura de Poemas autores negros (ex.: Conceição Evaristo, Adélia Prado, Solano Trindade). Realizar uma leitura em voz alta e promover uma discussão sobre as emoções, temas e mensagens presentes nas obras.
Aula 3: Dividir a turma em grupos e designar a cada grupo um poeta ou tema relacionado à resistência negra (ex.: abolição, movimentos sociais, cultura afro-brasileira). Cada grupo deve pesquisar e preparar uma apresentação que inclua a análise de poemas e o contexto histórico e cultural. Os grupos apresentam suas descobertas para a turma, incentivando a troca de ideias e reflexões.
Aula 4: Conduzir uma oficina de criação poética onde os alunos escrevem seus próprios poemas sobre identidade negra e resistência, inspirados nas leituras e discussões anteriores. Encorajar o uso de diferentes estilos e formas poéticas.
Aula 5: Produção de Cartazes após a criação dos poemas, os alunos devem trabalhar em duplas ou grupos para criar cartazes que ilustrem seus poemas e as mensagens que desejam transmitir. Os cartazes podem incluir elementos visuais, como desenhos, recortes de revistas e colagens que representem a cultura afro-brasileira.
Considerações Finais: Este plano de aula busca integrar as linguagens da poesia e da arte, proporcionando um espaço de reflexão e valorização da cultura negra. Através da interdisciplinaridade, os alunos poderão desenvolver uma consciência crítica sobre as relações étnico-raciais, promovendo o respeito e a valorização da diversidade cultural.
Avaliação: Todas as etapas foram avaliadas.

Folha de Observação: Racismo seus impactos na sociedade
Tema Gerador (TG): A Reprodução
Instruções: Responda às perguntas a seguir com sinceridade. Não há respostas certas ou erradas; o objetivo é refletir sobre suas percepções e experiências.
1. Como você define racismo estrutural? () Acredito que seja algo que acontece apenas em situações específicas. () É um conjunto de práticas e normas que favorecem um grupo em detrimento de outros. () Não sei o que é.
2. Você já presenciou ou ouviu falar de situações que evidenciam racismo em sua escola ou comunidade? Se sim, descreva brevemente.
3. De que forma você acha que o racismo estrutural afeta as oportunidades de educação para diferentes grupos sociais? () Afeta muito, pois há desigualdades. () Afeta um pouco, mas não é um grande problema. () Não acredito que afete.
4. Quais são os principais estereótipos (imagem ou conceito preconcebido, generalizado e padronizado sobre uma pessoa ou grupo, que não corresponde à realidade) relacionados a raça que você já ouviu ou presenciou? Como isso impacta a forma como as pessoas se veem e se relacionam?
5. Você conhece alguém que tenha enfrentado discriminação racial? Como você acha que isso impactou a vida dessa pessoa?
6. Na sua opinião, qual é o papel da sociedade em combater o racismo estrutural? () Educação e conscientização. () Legislação e políticas públicas. () Não sei.
7. Você acredita que a sua escola poderia fazer mais para combater o racismo? Se sim, que ações você sugere?
8. Como você se sente ao pensar sobre o racismo e suas implicações na sociedade? () Indignado(a) e motivado(a) a agir. () Triste e preocupado(a). () Não sinto nada.

